

## OS CONTOS POPULARES EM SALA DE AULA: UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Maria Suely de Oliveira Lopes  
UESPI  
suelopes152@hotmail.com

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o gênero textual conto, mais especificamente os contos populares como uma proposta metodológica para a formação de leitores. Observamos que os contos populares são pouco sugeridos nas aulas de leitura. Os contos populares possibilitam a inserção dos alunos no mundo da leitura prazerosa e lúdica, incentivando imaginação criadora dos alunos. Eles abordam a vida concreta e criam uma linguagem familiar e acessível. Temos a consciência de que os contos populares poderão intermediar uma possibilidade de interpretação sobre as experiências da vida dos alunos. Isso justifica o fato de indicá-los como textos importantes para mediar a formação de leitores. O que nos faz insistir nessa proposta de leitura é o fato de que as leituras em nossas escolas são trabalhos de interpretação de textos, na maioria descontextualizada, sem estimular nenhuma produção de sentidos. Para inverter essa situação, o PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997) deu um destaque especial ao trabalho com texto em sala de aula, demonstrando a sua importância, promovendo o desenvolvimento de um novo trabalho com gêneros textuais. A utilização dos contos populares nas escolas, nas aulas de Língua Portuguesa nos faz acreditar no ensino da língua de maneira mais eficaz, inserido no cotidiano do aluno. Portanto, a leitura de modo geral é um instrumento que deve formar e transformar os sujeitos. O seu aprendizado é um instrumento formador e transformador que exige envolvimento dos sujeitos nas práticas sociais, não só da leitura como também no processo de escrita. É imprescindível o desenvolvimento do processo de leitura por meio de estratégias para que os alunos tornem-se leitores críticos e cidadãos atuantes. O trabalho, metodologicamente, obedece a seguinte organização: primeiro momento, faremos uma abordagem sobre os gêneros textuais; segundo momento abordaremos os gêneros na narrativa; o terceiro momento focalizaremos os contos populares na formação de leitores, e o quinto sugerimos a análise de contos, como *As seis aventuras de Pedro Malazartes*, *Maria Gomes* contidos na obra *Contos Tradicionais do Brasil* de Luís da Câmara Cascudo(2003) e *Maria Borradeira* recolhido da coletânea *Contos Populares do Brasil*(2006). Para tanto, utilizaremos os teóricos Luiz Antonio Marcuschi(2002), Azevedo(2010) Cascudo(2003), Candido(1970), Carrijo (2009), PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997) dentre outros que versem sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais. Contos Populares. Formação de Leitores.

### 1 Introdução

O trabalho que ora apresentamos procura fazer algumas reflexões sobre a utilização dos contos populares em sala de aula como proposta metodológica para a formação de leitores. Os contos populares permitem a inclusão dos alunos no mundo da leitura incentivando a imaginação criadora dos mesmos. Eles nos conectam para uma vida concreta e criam uma linguagem familiar e acessível. Temos a consciência de que os contos populares poderão

intermediar uma possibilidade de interpretação sobre as experiências da vida dos alunos. Isso explica o fato de indicá-los como textos importantes para mediar a formação de leitores. Passaremos a fazer uma abordagem teórica sobre gêneros textuais.

## **2 Gêneros Textuais – um conceito**

Os gêneros textuais segundo Marcuschi (2002) são entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa dia a dia, ou seja, são as práticas comunicativas do nosso cotidiano. Não são invenções individuais, mas formas textuais construídas historicamente e socialmente.

A ideia de estudar os gêneros textuais na sala de aula é uma oportunidade de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Para Bakhtin (1992), é inconcebível comunicar-se verbalmente sem o intermédio de algum gênero, assim como é improvável comunicar-se verbalmente a não ser por algum texto. Dessa forma, não há possibilidade de tratar os gêneros textuais independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas, pois os gêneros textuais constituem-se como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, compondo-o de algum modo.

A melhor maneira de trabalhar a língua portuguesa é adotar o estudo do gênero textual conto popular em sala de aula por este apresentar uma linguagem mais próxima da realidade dos alunos. Dessa forma os contos populares vão intermediar o exercício da leitura e oportunizar uma relação com o cotidiano do aluno. De acordo com Bronckart (1999 apud MARCUSCHI, 2002, p. 103), “a apropriação de gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”.

Para Bakhtin (1992), é inconcebível a comunicação verbal sem o mediação de algum gênero, assim como é improvável comunicar-se verbalmente a não ser por algum texto. Dessa

maneira, não há possibilidade de tratar os gêneros textuais independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas, pois os gêneros textuais constituem-se como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, compondo-o de algum modo.

Os gêneros contos populares em sala de aula vão envolver os alunos numa situação concreta de comunicação, fazendo com que os mesmos possam produzir textos criticamente de acordo com os fins que almejam alcançar. E o papel do professor será o de mediar essa situação de uso da língua obedecendo a critérios estabelecidos no currículo que valorize a função social do texto, no que se refere a sua forma, que devem estar articulados com a realidade.

Portanto, os gêneros contos populares na escola consiste ser uma estratégia de ensino provocadora e eficaz para a formação de leitores .

### **3 O conto popular como gênero narrativo**

O conto popular é, na concepção de Machado (1994, p.28), um dos gêneros mais antigos da tradição oral. Nasceu no dia em que o homem descobriu que podia colocar sua voz a serviço de sua imaginação, criando situações, pessoas, lugares, sonhos, em histórias que pudessem correr o mundo, sem nunca envelhecer.

O conto popular não tem autoria. As histórias são criações do imaginário coletivo, que não conhece limites. Portanto, nesse tipo de história, as pessoas, os lugares e as situações não se restringem a representar os tipos da realidade que nos cerca. Ao contrário, há uma tendência maior para magia, para o sonho e para a fantasia (MACHADO, 1994,p.28). Para o conto não importa o lugar e a época. Em relação a esse aspecto, é que ainda hoje, em plena era tecnológica, ouvimos com interesses os contos de fadas, príncipes e princesas que moram em castelos protegidos por dragões e governados por reis. Não fazem falta a narrativa de magia, fantasmas, vinganças, bruxarias e todo tipo de encantamento que o imaginário criou através de histórias que conhecemos muito antes de aprender a ler. Vale ressaltar a origem do termo **popular**. Este é, portanto, uma manifestação cultural de caráter universal, nascida de modo espontâneo e totalmente indiferente a tudo que seja imposto pela cultura oficial. De outra forma, não conhece normas nem limites. Elas estão acima de qualquer tipo de aprovação social.

Quanto a sua forma, o conto popular é um o gênero narrativo que desenvolve traços que se repetem em histórias criadas nos mais variados locais e épocas, como pode ser constatado no excerto a seguir:

Toda história apresenta alguns traços ou elementos que se repetem nas histórias do mesmo tipo. Tais traços constituem as características composicionais da história. Por exemplo, toda anedota apresenta suspense que acaba provocando o riso. Eis a característica composicional deste tipo de história. No conto popular, veremos que as características mais marcantes da composição são: à distância no tempo, a disputas entre fortes e fracos, ricos e pobres, e a vitória do bem contra o mal.

O contador popular, apesar da liberdade e da espontaneidade, cria dentro de condições especiais do meio em que ele vive. Ao tempo em que ele conta a história, aprende técnicas utilizadas por outros narradores que ele deve respeitar. **As** características que compõem os contos serão reconhecidas por qualquer pessoa em qualquer canto do mundo.

Em relação a sua composição formal, os contos populares apresentam características e técnicas fundamentais para a criação de qualquer narrativa. Por isso, neste estudo, vamos abordar os elementos essenciais. São eles:

**Situação inicial** - procura-se contar quem são os personagens, onde moram, como eles normalmente os personagens estão vivendo algum tipo de problema.

**Motivo** - o conto popular se distingue das outras narrativas basicamente pelo motivo, que é o problema que provocou o conflito.

**Motivações** - Partem de um motivo central e podem ser entendidas como as razões e os objetivos que levam os personagens a realizarem uma determinada ação.

**Tempo** - é o elemento formal que mais identifica o conto popular que podemos reconhecer na antiga frase “era uma vez”. Através dessa frase é impossível sabermos quanto tudo realmente aconteceu e quanto tempo demorou a ação. Para a narrativa popular não importa a precisão do tempo.

**Resolução dos conflitos**- a narrativa popular fixa um tipo final que deve existir em toda a história. Explicando melhor. Nenhuma história pode terminar sem a resolução dos conflitos e a volta de uma situação de equilíbrio ou normalidade. Por isso o final feliz é a marca registrada desse tipo de história.

No próximo tópico fazemos algumas reflexões sobre os contos populares na formação dos leitores.

#### 4 Os contos populares na formação de leitores

De todos os materiais de estudo, os contos populares são mais amplos e expressivos dos materiais de estudo; mas é também o menos examinado por mediadores de leitura em sala de aula. A proposta desse trabalho é justamente suscitar o estudo de contos populares para estimular nos alunos o gosto pela leitura, pois ao que se sabe, é que o professor não tem conseguido despertar o prazer pelo ato de ler, reduzindo as aulas de leitura ao estudo da gramática normativa. A sugestão é utilizar os contos populares nas aulas de leitura por acreditar que eles possibilitem a inserção dos alunos no mundo da leitura prazerosa e lúdica, que estimulem a imaginação criadora dos mesmos.

Os contos são histórias contadas ao longo das gerações através do oral e do escrito sofrendo alterações que não vão implicar o seu conteúdo. Os contos, segundo Cascudo (1984,p.52) independem de uma localização no espaço. Vivem numa região, emigram, viajam presentes e ondulantes na imaginação criativa.

De acordo com Azevedo (2007, p.1820, os contos apresentam uma moral diversa da que estamos acostumados :

Estamos acostumados e condicionados a pensar na moral como um acervo de princípios abstratos, gerais e universais de comportamento que deve ser respeitado por todos seja qual for a situação: não mentir, não roubar, não matar, valorizar a busca da justiça, da imparcialidade, da impessoalidade, da isonomia, da isenção e da neutralidade.

Ao que entendemos é que a moral adota outros protótipos e não se congrega a princípios universais e abstratos, que pode ser entendida como moral relativa e flexível. Ao invés de apresentarem uma moral condenável, os contos revelam e discutem costumes, ideias, mentalidades decisões e julgamentos. Segundo Cascudo (2004) eles ainda revelam informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vêm das fabulosas ouvidas na infância (CASCUDO, 2004, p.12).

Os contos apresentam caráter narrativo e mesmo em suas versões mais contemporâneas, feitas por escrito, continuam marcados pela narrativa oral, mantendo a ideia de que há uma voz que narra e um ouvinte. Isso destaca o princípio dialógico de uma narrativa: um eu que se dirige a outro. Segundo Azevedo(2007,p.186)

[...] há textos escritos marcados pela cultura escrita e textos escritos marcados pela cultura oral. Esses últimos tentam sempre recuperar a situação do orador diante de uma plateia, o discurso falado no contato face-a-face.

Textos assim, claros, diretos, concisos e dependentes da plateia (do leitor), são exatamente aqueles utilizados pelo escritor de contos populares.

Os contos em geral, desejam contar uma história que discutam temas imediatos ligados à natureza humana fazendo uso de uma linguagem simples, natural e de fácil compreensão. Por isso pensamos a utilização dos contos populares em sala de aula como um recurso metodológico que guiasse os alunos no exercício da leitura, transformando-os em leitores, e que pudesse complementar o ensino da língua de forma efetiva.

Sendo assim entendemos que os contos populares devem ser incluídos na nossa prática pedagógica. A proporção que o aluno tem a probabilidade de apreender que existem textos narrativos e textos não-narrativos e que existem textos marcados pela cultura escrita e textos marcados pela cultura oral, ele tem mais chances de conhecer a literatura, ter experiências interessantes com ela e posicionar-se diante dela. Numa aula de leitura, os contos populares podem ser instigadores de discussões que vão estimular leitores que possivelmente serão indicadores de textos de outros leitores. Esse exercício de leitura irá formar leitores críticos, consciente de seu papel na sociedade. Vão aprender a ler o mundo que o cerca e atuar nele como sujeito participante.

## **5 Os contos *As aventuras de Pedro Malazartes, Maria Gomes e Maria Borradeira: um estudo analítico.***

Tomamos o conto *As seis aventuras Pedro Malazartes* para uma breve leitura analítica.

Pedro Malasartes é personagem tradicional nos contos populares da Península Ibérica, como exemplo de burlão invencível, ardiloso, desavergonhado, abundante de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem arrependimentos. Concorrem para o ciclo de Malasartes episódios de varias procedências europeias, vivendo mesmo nos contos orais dos irmãos Grimm, de Hans Andersen, dos exemplários da Europa de Leste e do Norte. É o tipo feliz da inteligência descarada e vencedora sobre os crédulos, os avaros, os parvos, orgulhosos, os ricos e os vaidosos, expressões garantidoras da simpatia pelo herói sem caráter. A narrativa gira em torno das seis aventuras em que o anti-herói Pedro Malazartes quer tirar proveito próprio, como por exemplo na Lenda dos Porcos, tida como uma de sua mais famosa história: Pedro Malazartes conseguiu um emprego numa fazenda de porcos. Entretanto, o salário pouco demais para Pedro que era ambicioso. Então planejou um golpe: quando seu patrão mandou tomar de conta de quatro porcos, o enganador vendeu-os todos, mas os vende

sem os rabos. Pedro enterrou os rabos na terra, e quando seu patrão chegou disse que os porcos haviam se enterrado no atoleiro. Seu patrão mandou-lhe pegar duas enxadas para salvar os porcos enterrados. O esperto audacioso foi logo pensando no dinheiro e teve imediatamente uma ideia. Disse á esposa de seu patrão para pegar as duas maletas em que o patrão guarda suas economias. A mulher, estranhando, mandou Pedro confirmar. E ele disse: Patrão, não é para pegar as duas? E ele respondeu ‘sim, as duas’. Pedro pegou as malas e saiu todo feliz com o salário, o dinheiro dos porcos vendidos e as maletas com as economias de seu pobre patrão que já não tinha mais nada.

Percebemos que *As seis aventuras de Pedro Malazartes* (2004) apresentam um grande senso de justiça, desejando penitenciar poderosos que se aproveitavam da sua condição econômico/ social para tirar proveito de pessoas menos favorecidas.

Pedro Malazartes tem a capacidade de transformar as desvantagens em vantagens. Isso se torna constante em todas as histórias do anti-herói. Quase como um Darwinismo Social (onde o meio desfavorável impõe aos sujeitos uma modificação de valores e, acima de tudo, o raciocínio rápido e sagaz), Malasartes utiliza-se da inteligência e astúcia para conseguir ludibriar e sobreviver. Assim, se aos patrões é dado o poder econômico (algo externo e plausível de ser retirado), ao nosso personagem é atribuído algo que em hipótese alguma pode lhe ser tomado: **o poder dos fracos**<sup>1</sup>. (DAMATA, 1983)

Todas essas possibilidades de leituras abertas pelos contos populares podem mudar o cenário problematizante que enfrentamos na nossa prática diária quando se trata, principalmente, da formação de leitor. O PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997) deu enfoque especial ao trabalho com texto diverso em sala de aula, evidenciando a sua importância suscitando o desenvolvimento de um novo trabalho com gêneros textuais. Tramas intrigantes, questões que envolvem a vida concreta dão entusiasmo à leitura e podem contribuir para a formação de novos leitores.

Vamos abordar O conto popular *Maria Gomes* caracterizada como narrativa de encantamento. Partiremos primeiramente fazendo uma síntese do conto. O referido conto apresenta dois momentos. O primeiro tem como personagem central Maria que tinha uma situação financeira não muito boa e seu pai em um momento de desespero sorteia a filha que

---

<sup>1</sup> O poder dos fracos, segundo Roberto DaMatta, “[...] é o poder de obedecer e, por isso mesmo, destruir a opressão pela obediência malandra, oportuna e sagaz”. (Ibid., p. 294) E mais adiante continua, “Os poderes dos fracos, assim, são poderes internos que não podem ser roubados. Daí sua profunda associação com o mágico e o místico, essas forças que se associam interna e intrinsecamente a certos objetos, elementos, cargos e/ou papéis sociais”.

irá abandonar na floresta e a má sorte recaiu sobre a mesma. Ela destinada a cumprir a sina de vozes ocultas na personificação de um cavalo e uma casa, consegue se safar da floresta e passa a ter uma condição de vida apreciável.

A segunda parte do conto mostra a moça que, vestida de homem, deixa-se amar pelo príncipe e a cada momento é posta a provas, mas o cavalo aparece sempre como o senhor da situação e só permite a descoberta da façanha no momento mais adequado para ele. Ao final o destino traçado cumpre-se com a ajuda de Maria e o cavalo, sendo esse, o príncipe, casa-se com ela.

É interessante ressaltar para os alunos, que estão em processo de formação, que os contos de encantamento alimenta-se da oralidade que abarcam os provérbios, adivinhações, festas, orações, etc. *Maria Gomes* constitui a imagem da mulher sob a dominação masculina. No conto, a personagem Maria é marcada pela imposição enquanto mulher-objeto definida pela resignação e pela falta de voz perante o homem personificado na figura de um cavalo.

Observamos que *Maria Gomes* é uma mulher indefesa, manipulada e silenciada pelo homem. Durante o dia Maria tocava, arrumava a casa, não percebia a presença de qualquer pessoa, só uma voz surgia que misteriosamente dava ordens em relação aos serviços domésticos (CASCUDO, 2004). Essas e outras possibilidades de leitura devem acontecer sempre que o professor, como mediador, crie situações que provoquem o aluno, o gosto e o interesse de desvendar os mistérios que os contos populares nos apresentam. Os professores devem instigá-los para o exercício da produção, para num só momento aprofundar o ensino da língua. Os alunos devem passar por um processo de descoberta para, a partir daí, efetivar o exercício da leitura.

No conto *Maria Borracheira*, recolhido da coletânea de Sílvia Romero (2006), procuramos analisar elementos semelhantes como *Cinderela* De Perrault (1812) por meio da ruptura.

A ruptura dentro de a narrativa dar-se devido o conto ter contraído ao longo do tempo múltiplas versões numa adaptação ao contexto espaço temporal. O auxiliar mágico de *Maria Borracheira* é uma vaquinha, que sua mãe lhe deixara antes de morrer, em vez de uma fada madrinha. O simbolismo vaca abarca a carga semântica de realizadora dos desejos de um povo mais simples. Diferente de *Gata Borracheira* (1812) que tem a fada como protetora, pois, a coletânea de Perrault foi publicada em 1812 em pleno surgimento do romantismo, portanto simbolizava a delicadeza, possibilitando a realização dos sonhos dos mais românticos.

Outro aspecto da narrativa é o contexto espaço-temporal que pode ser percebido no fato de não existir baile na versão da *Maria Borracheira*, e sim as novenas, um costume típico



da população rural em que os pais levavam seus filhos as festas das igrejas. As vestimentas também podem ser relacionadas, como exemplo no conto *Bicho de Palha*, uma adaptação nordestina, cujas roupas usadas pela garotinha eram sempre de palhas, e por fim podemos citar ainda o próprio linguajar nordestino presente tanto em *Bicho de Palha* como em *Maria Borradeira*, como nas palavras “faiemos”, fonte, fiar algodão, gamela, etc.

A maior parte dos Contos têm seus ensinamentos voltados para o bem vencedor do mal seguindo toda uma moral, e os pais repassavam tais valores e ideologias no intuito de evitar que seus filhos tivessem destinos ruins. Os contos também eram sempre voltados para a família, em que pais tinham o dever de cuidar da preservação dos filhos, principalmente das filhas. Se um membro da família viesse a falecer ( mãe ou pai), os contos vão mostrar que o pai ou a mãe cuidava de arrumar uma madrasta, que antigamente abarcava uma carga semântica negativa. Hoje, na sociedade contemporânea, essa visão estar sendo totalmente desconstruída, geralmente a relação entre Madrasta e enteada é mais afetuoso do que as relações de pais e filhos.

## **Conclusão**

Conhecer os gêneros contos populares constituem objetivo pedagógico central para a formação de leitores. Os contos populares mereceram destaque neste artigo, pelas características de sua narrativa e por suas temáticas. Eles aproximam-se da nossa vida concreta, criando uma linguagem familiar e fácil acesso.

A leitura é um processo importante na constituição do leitor, e o conto popular, em sua origem, manteve sua transmissão oral por meio de contadores de histórias. Esses contadores foram os mediadores que permitiram que os contos permanecessem vivos, fossem repetidos, até serem compilados e registrados.

Independentemente do gênero literário a que pertence uma narrativa cujas raízes são orais/populares, ela deve ter um lugar garantido na escola e na formação artística dos estudantes contemporâneos.

## **Referências bibliográficas**

AZEVEDO, Ricardo. **Conto popular, literatura e formação de leitores**. Revista Releitura, Belo Horizonte. n. 21, p. 79-187, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo13Contos.htm#\\_ftn1](http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo13Contos.htm#_ftn1)>. Acesso em: 10 fev. 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed..Belo Horizonte: Italaia,1984.

\_\_\_\_\_ **Contos Tradicionais do Brasil.13ª edição-São Paulo, Global, 2004.**

CARRIJO, Simone Soares. **Aventurando-se com os contos populares**. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/view/755/401>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

DaMATTA, Roberto. Pedro Malasartes e os paradoxos da malandragem. In: \_\_\_\_\_. **Carnavais, Malandros e Heróis — para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1983.

MACHADO, Irene. **Literatura e Redação**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO,Angela Paiva;MACHADO, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora(Org) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. 19-36.

ROMERO, Sílvio. **Contos populares do Brasil**. São Paulo: Andy Editora, 2006.